Musas, museus e ritmos

"Máquina de ritmo
Quem dança nessa dança digital
Será por exemplo que o meu surdo
Ficará mudo afinal
Pendurado como um dinossauro
No museu do carnaval
[...]
Máquina de ritmo
Que os pós-modernos hão de silenciar
Novos anjos do inferno
Vão por qualquer coisa em seu lugar
Quem sabe irão lhe trocar
Por um tal surdo mudo do museu."
(Gilberto Gil, *Banda Larga Cordel*)

Máquina de ritmos, melodias e harmonias é o que, de algum modo, o museu é, sendo também máquina (ou sistema) de narrativas capaz de colocar sobre as camadas de significados e funções — originalmente associadas aos objetos (bens culturais) — novas camadas de significados e funções. Sendo máquina de ritmos, o museu também é máquina de inventar tempos e espaços, capaz de produzir deslocamentos, estranhamentos, metamorfoses, avatares e reencarnações de sentidos.

São essas capacidades extraordinárias que permitem que o "surdo", que foi máquina de ritmo, seja incorporado ao museu do carnaval, lembrado por Gilberto Gil, e que lá fique "pendurado como um dinossauro" e, em certo sentido, fique "mudo"; mas, mesmo "mudo", num sentido, ele não deixará de falar, de cantar e encantar, em outro sentido.

Quando se observa com atenção, percebe-se que nos museus os objetos falam e exalam múltiplos sentidos e muitas vezes são sujeitos com vozes e vida social intensa, à revelia daqueles que gostariam de silenciá-los. Admitir que os objetos falam e exalam é admitir, sem medo, sem iconofobia, que eles podem ser sujeitos e podem atuar sobre os humanos e condicionar suas vidas.

As camadas de significados e funções atribuídas ao "surdo", poeticamente musealizado, transformam-no em documento, suporte de informação e objeto representacional: ele representa outros "surdos", representa um saber-fazer, uma perspectiva estética e criativa, uma época, uma prática cultural, uma tecnologia, uma tradição, um segmento social, o domínio de certas matérias primas e o gosto por certas cores e formas. Muitas perguntas poderão ser feitas ao "surdo" musealizado e todas servirão, no mínimo, para confirmar a sua inserção em uma determinada relação social, bem como a sua documentalidade, a sua testemunhalidade e a sua fidedignidade[1].

Todavia, mesmo musealizado, o "surdo" não terá perdido, como os apressados poderiam supor, a sua função original; no museu ela estará apenas anestesiada, adormecida, desencantada, aguardando um ligeiro toque (um beijo que seja) para se reencantar. A qualquer momento, o "surdo" que, em certo sentido, está mudo, entrando em contato com humanos criativos, poderá passar por uma nova metamorfose,

1 RUSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). *Produzindo o passado*, Brasiliense, São Paulo: 1984.

Musas_4_2009.indd 4 23/11/2009 15:13:12

poderá ser iluminado por um avatar e voltar a falar em sua língua original.

Em espetáculo realizado no dia 15 de abril de 2008, no Coliseu de Lisboa, um dia antes de receber o título de *Doutor Honoris Causa em Museologia* pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Gilberto Gil anunciou que a inspiração para a música "Máquina de Ritmo", faixa 14 do CD *Banda Larga Cordel*, lançado em 2008, surgiu em Portugal, no Algarve, no momento em que ele contemplava de modo meditativo o ritmo e o movimento do mar.

Essa música inspirada e inspiradora, ela mesma uma máquina de ritmos, estimula o debate de temas como memória, cultura, poética, museu, educação, patrimônio, arte popular e arte contemporânea, política de acervos e trajetória dos objetos, processos de musealização e musealidade. De algum modo, esses e outros temas estão contemplados na presente edição de *MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, que também pode ser considerada uma máquina (ou sistema) de ritmos, melodias, harmonias, narrativas, tempos e espaços.

Assim como o museu, o "surdo" musealizado e a música, *MUSAS* só existe *em relação*, em contato, com o humano que toca, ouve, saboreia, vê, cheira, lê e imagina. Esse caminho propicia o entendimento de que *MUSAS* também é uma "Museália". Ela apresenta uma coleção de artigos, preserva e dinamiza uma prática social, estimula a produção de pesquisas e oferece a sua coleção para um público que ocupa um território indefinido e se desloca no tempo em direção ao amanhã.

A nossa revista continua avançando em diálogo com os avanços do campo museal. *MUSAS* número 4, que o leitor tem agora diante de si - como um objeto - é também o primeiro número da revista publicado sob a chancela do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a mais nova autarquia no âmbito do Ministério da Cultura, criada pela lei nº 11.906, de 20 de Janeiro de 2009.

As ações e atribuições que antes competiam ao Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu/Iphan) passaram todas, além de um expressivo conjunto de novas atribuições, para essa jovem autarquia. Assim, o IBRAM, além de coordenar as ações da Política Nacional de Museus (PNM), lançada em maio de 2003, vai contribuir para o aprimoramento da configuração do campo museal e trabalhar para o desenvolvimento e a valorização da pesquisa museológica; para o estímulo e o apoio às práticas educacionais inovadoras; para o fomento à museologia social; para o incentivo e o diálogo com o campo da arte contemporânea; para o incremento das políticas de aquisição e preservação de acervos; e para o desenvolvimento de ações integradas entre os museus brasileiros.

Não temos a intenção de fazer aqui e agora uma análise da trajetória da Política Nacional de Museus de 2003 até a atualidade. Queremos registrar a criação do IBRAM e anunciar para o próximo número de *MUSAS* um exame em profundidade sobre o tema Política de Memória e de Museus, focalizando a criação do IBRAM e a instituição do Estatuto de Museus pela lei nº 11.904, de 20 de Janeiro de 2009.

Conquistamos autonomia, ampliamos nossas possibilidades de trabalho, bem como nossa equipe e, em nossa perspectiva, melhoramos a revista MUSAS. Assim, inauguramos um novo ciclo, intensificamos os nossos fluxos e agradecemos aos apoios que nos ajudam a produzir futuros.

José do Nascimento Junior e Mario Chagas

Musas_4_2009.indd 5 23/11/2009 15:13:12